

CONCENTRAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR¹

EDGARD PORTO

Doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional. Universidade de Barcelona.
Instituto de Pesquisas Econômicas, Sociais e Ambientais
– InP – e-mail: edgardpr@svn.com.br.

EDMILSON CARVALHO

Instituto de Pesquisas Econômicas, Sociais e Ambientais –
InP, e-mail: edteca@uol.com.br.

PULSO DA INVESTIGAÇÃO

Este trabalho dá continuidade a um processo de investigação sobre os reflexos da globalização na região de Salvador. Em documento anterior, abordamos o modo de crescimento da cidade de Salvador, tentando captar, na sua lógica de crescimento e descentralização, um desdobramento particular - econômico-espacial - da lógica capitalista, no seu atual estágio de globalização. Foi um processo mediado pelo desenvolvimento-descentralização da economia e do espaço nos planos nacional (Brasil), regional (Nordeste brasileiro) e estadual (referente ao Estado da Bahia, do qual Salvador é a capital). Ressaltávamos, então, que esta cadeia de momentos lógicos, que se realizavam através dos aspectos espaciais (regionais e urbanos) e sociais da acumulação de capitais, em última instância, constituíam derivações de uma lógica mais ampla - na verdade universal -, a lógica que preside o capitalismo mundial à escala planetária.

Alguns aspectos, revelados no crescimento e na descentralização da cidade de Salvador, mediante a análise então feita, são, aqui, retomados, só que num plano de análise maior, ou seja, num plano que cobre a Região Metropolitana de Salvador – RMS - a região que abrange cerca de dez

municípios que a formam e constituem². Obviamente, deste novo ponto de vista, resulta que, de um lado, os problemas mais densos e relevantes continuam sendo os que ocorrem no interior da própria Salvador, que é a metrópole, com cerca de 2,4 milhões de habitantes, em torno da qual “giram” os demais municípios, e que, de outro, alguns desses problemas assumem formas específicas, no âmbito dos municípios, por conta de determinações próprias suas, que se tentará detectar durante a análise.

Assim, esta fase da investigação, que terá desdobramentos posteriores, busca apresentar inicialmente os fatos mais importantes que marcaram as descobertas sobre o processo de globalização na cidade do Salvador, a fim de que este trabalho possa ter a capacidade de aprofundar temas e seus espaços e, ao mesmo tempo, poder ser entendido independentemente do conhecimento do trabalho anterior. Em seguida, apresenta alguns indicadores para identificar se as características gerais dos movimentos, encontradas na cidade do Salvador, se aplicam em toda a sua região e como

parte desses movimentos repercutem diferentemente nos distintos espaços periféricos de continuidade da metrópole ou das cidades que ainda não foram conurbadas, embora estejam intimamente interligadas por fluxos de capitais, mercadorias e pessoas.

Por fim, apresentam-se as conclusões que expressam as alterações processadas na metrópole nos dois últimos anos e o comportamento dos fluxos sociais e econômicos nos espaços diferenciados da RMS, diferenciando-se aqueles caracterizados pela nova fase de globalização da economia mundial.

PROCESSOS ESTRUTURANTES

A globalização segue sendo, para nós, um fenômeno mundial totalizante, historicamente determinado e que traz, no seu modo de ser, uma antinomia estrutural: a antítese da extrema concentração, casada com a extrema exclusão social, dois aspectos e movimentos que se produzem e se reproduzem dialética e reciprocamente.

Todos os modos de produção do passado, com suas respectivas forma-

¹ Trabalho apresentado no VI Seminário da Rede Iberoamericana de Investigadores, realizado em Rosário, Argentina – maio de 2001

² É uma região constituída por lei federal, que os órgãos públicos adotam para efeitos de pesquisas e apresentação de dados e que, por isso mesmo, nós adotamos apenas para efeito de análise dos movimentos internos, sem questionar a validade dos seus limites físicos.

“... a produção capitalista submete todas as demais formas de produção e sociabilidade à escala planetária...”

ções sociais, alcançaram um determinado grau - maior em alguns casos, menor em outros - de mundialização. O modo de produção primitivo, aldeão ou tribal foi, entre todos os do passado, aquele que alcançou maior amplitude mundial, respeitada, obviamente, a dimensão populacional do globo terrestre. Já o modo de produção escravista clássico teve uma margem de mundialização bem menor, quase que se circunscrevendo às civilizações grega e romana (Anderson, 1982). Quanto ao modo de produção feudal, estendeu-se menos do que o primitivo, porém mais do que o escravista.

Todavia, de todos os modos de produção conhecidos até o momento - os quais não se desenvolveram e nem se sucedem numa suposta “linearidade histórica”, como pretende um determinado determinismo, estreito e dogmático, aquele que mais se mundializou é exatamente o modo de produção capitalista. Sua mundialização, que se lastreia no caráter, na forma e na dinâmica de expropriação/reconversão de seu excedente, de seu mais-produto - a *mais-valia* -, teve início no momento mesmo da etapa da acumulação primitiva. Passou pela importação de matérias-primas e exportação de mercadorias e capitais, pela constituição do capital financeiro, pelo grande impulso da produção fordista (principalmente depois da Segunda Guerra até a crise dos anos 70 (Mandel, 1996)). No momento atual, a produção capitalista submete todas as demais formas de produção e sociabilidade à escala planetária num nível jamais alcançado por nenhuma outra forma de produção do

passado: sobressaem os fluxos e a acumulação financeira e a longevidade das crises de superprodução num contexto em que se combinam a *re-estruturação produtiva* e o *neoliberalismo*, impulsionados pela automação e a instantaneidade proporcionadas pela robótica e a informática. É a esta mais recente etapa, a rigor desenvolvida nos últimos 20 a 30 anos, mas intensificada na década de 90 do século que findou, que chamamos globalização (Beinstein, 2001).

A contradição ressaltada mais atrás permeia todos os espaços à escala mundial: nos continentes, separa os que pontilham as ilhas de alta produção e produtividade dos que se encontram cada vez mais na condição de sucata em todos os níveis - como é o caso mais flagrante do continente africano e como é também o caso de outros, como a América Latina, que caminham, a passos largos, para uma situação semelhante à do continente africano.

Nos países, repete ao mesmo movimento antitético de concentração-exclusão, desta vez entre regiões nas quais se localizam as ilhas internas de concentração da produção, da tecnologia e da riqueza, cada vez mais ricas, socialmente mais reduzidas e discriminatórias, das cada vez mais amplas regiões, em cadeia, nas quais se multiplicam a exclusão social, o desemprego, a deterioração dos parques industriais, da agricultura e do comércio, as rendas e os salários sucessivamente mais rebaixados.

Nas regiões, o mesmo fenômeno se repete, mesmo nas regiões mais ricas: localidades nas quais se encontram as cada vez mais restritas e concentradoras ilhas da riqueza, ladeadas por localidades que são projetadas, inexoravelmente, para fora ou para a margem do processo de acumulação e distribuição do produto social.

Nas cidades, sobretudo nas metrópoles - isto é o que pretendemos demonstrar quando analisamos a cidade de Salvador -, tudo se repete no mesmo compasso: áreas, bairros e localidades nas quais se concentram as

ilhas de moradia e comércio de ponta, envoltas num mar de bairros e espaços literalmente deteriorados, onde imperam as habitações insalubres, o mesmo desemprego, o caos urbano e urbanístico, o chamado “mercado informal” e as péssimas condições de nutrição, saúde e educação da maior parte da população.

Todos os aspectos possuem seus rebatimentos espaciais - e de tal maneira que se pode fazer, através das representações espaciais, a leitura deste amplo processo que combina concentração de riqueza com exclusão social e que são, numa palavra, representações econômicas, sociais e espaciais da globalização universalizada e internalizada.

Mas existe um aspecto que, cada vez mais, passa a ser central em todos esses cenários concretos, que temos destacado e que voltaremos a destacar agora, na análise da realidade da Região Metropolitana de Salvador, e que diz respeito ao fato de que todas estas cada vez mais restritas (social e espacialmente) ilhas de riqueza estão cada vez menos ligadas às atividades econômicas internas e, corolariamente, cada vez mais ligadas a uma rede, em cadeia, de atividades econômicas interligadas a um mesmo núcleo de megainteresses internacionais, representados por um punhado cada vez mais reduzido de megaempresas que controlam a produção e a circulação mundial de mercadorias - e do próprio capital - e que, em última instância, refletem e caracterizam o fenômeno da globalização (Beinstein, 2001).

Sempre houve, em cada país, em cada região e em cada metrópole, uma ligação entre determinado núcleo de

“... imperam as habitações insalubres, o mesmo desemprego, o caos urbano e urbanístico ...”

produção - café, açúcar, carne, mineral, tabaco, cacau, borracha, etc. - e certos núcleos de consumo (produtivo ou improdutivo) situados no exterior de cada país. Isso também aconteceu, no passado, com Salvador e sua região de influência direta, com a produção de açúcar e tabaco para exportação. Todavia, com o fenômeno atual da “globalização”, estas ligações não só se tornaram mais estreitas e representativas, porque oriundas do modo como circula o capital “globalizado”, disposto em circuitos, na atualidade, como acabou por dividir o espaço social e físico (regional e urbano) em subespaços imediatamente ricos, porque interligados ao circuito de capitais dominantes à escala mundial, e sub-espaços imediata e amplamente pobres, marginalizados porque excluídos do mesmo circuito.

Dizer “excluídos”, de tais circuitos, não significa dizer excluídos da lógica e do movimento de capitais, como totalidades históricas e sociais complexas, que os inclui quanto à exploração e os exclui quanto à distribuição do produto social de uma acumulação socialmente cada vez mais restrita e impotente para dar conta dos problemas sociais que ela mesma cria e recria.

Esta mesma lógica estrutural e politicamente discriminatória é a mesma que conclui seu percurso segregando, além da população e do espaço, os Estados, as instituições (como os sindicatos, etc.) e os cada vez mais frágeis, impotentes e vazios poderes locais de províncias e municípios - tudo em favor de um núcleo mundial de decisões cada vez mais resolutamente centrado.

REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR

Salvador, com cerca de 2,4 milhões de habitantes, terceira metrópole do país em população³, é a capital do Estado da Bahia, com cerca de 13,1 milhões de habitantes. É a maior metrópole da Região Nordeste do país, cuja participação no PIB nacional⁴ teve um crescimento significativo en-

tre 1970 e 1985, de 1,82% para 2,72%, respectivamente, passando a crescer mais levemente a partir dessa última data até alcançar uma estabilidade de 2,8% na última década. Para se ter uma idéia, somente a cidade de São Paulo representa quase que 18% do PIB nacional, enquanto a segunda maior cidade, Rio de Janeiro, participa com cerca de 8,9% do PIB, ficando a cidade de Belo Horizonte, com uma população menor que a de Salvador, com quase 4% do PIB brasileiro.

Em relação ao Estado, a RMS cresceu de 41,5% em 1970, quando se inicia a descentralização industrial no país, para 57,1% em 1990, quando se esgota a fase da industrialização subsidiada da Sudene. Nesta década, essa participação tende a cair para 52,6% (em 1996), em função de alguns investimentos em papel e celulose no Extremo Sul do Estado e atividades agrícolas de corte moderno voltados para a produção de frutas em Juazeiro e grãos em Barreiras. É importante frisar o papel da RMS no Estado da Bahia e no Brasil, para que se ofereça a dimensão da metrópole baiana e se reconheça que, apesar deste porte, os movimentos se assemelham a outras metrópoles ibero-americanas, como veremos mais adiante.

Salvador é o centro principal urbano de uma região - a principal do Estado -, o Recôncavo baiano, formado por cerca de 40 municípios que, no passado - a rigor, até as décadas de 50 e 60 do século XX -, abrigou a produção de tabaco, charutos, cana de açúcar e açúcar para exportação e uma economia de subsistência minifundista que garantia a reprodução da força de trabalho empregada na economia de exportação e o envio de excedentes para o mercado urbano da capital. Em 1970, o Estado da Bahia possuía cerca de 7,5 milhões de habitantes, o Recôncavo contava com

“... a industrialização incentivada pela SUDENE desmanchou o cenário tradicional do Recôncavo...”

aproximados 1,7 milhões de pessoas, enquanto Salvador detinha em torno de 1,0 milhão de habitantes. Agora, passados trinta anos, o Estado da Bahia quase dobrou a sua população (cerca de 13 milhões) e Salvador mais do que dobrou a sua (em torno de 2,4 milhões).

Durante os anos 60-80 passados, a industrialização incentivada pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, desmanchou o cenário tradicional do Recôncavo. Com efeito, a industrialização incentivada e a acelerada urbanização que a acompanhou foram basicamente centradas em grande parte do Recôncavo, levando as economias tradicionais a completarem uma crise já muito antes iniciada.

O velho Recôncavo canavieiro e fumageiro perdeu sua fisionomia secular e, no seu lugar, implantou-se, em menos de duas décadas, uma “mancha” urbano-industrial, com uma parte de seu espaço situada dentro do velho Recôncavo e outra a ultrapassar os seus limites. Essa nova forma e realidade de ocupação denominada de “Macrorregião de Salvador”, é por nós assim caracterizada:

... Salvador-Feira (de Santana) e mais um determinado grupo de municípios... constituem uma só macrorregião, porque fazem parte de uma determinada divisão de trabalho, de uma determinada corrente de fluxos,

³ São Paulo, 10.406.166 habitantes, é a maior das metrópoles brasileiras; Rio de Janeiro, com 5.850.544, vem em segundo lugar; em terceiro, Salvador, com 2.440.886; em quarto, Belo Horizonte, com 2.229.697 e em quinto, Fortaleza com 2.138.234 habitantes. Estas são as cinco maiores cidades do país.

⁴ IPEA: www.ipea.gov.br.

“... a Macrorregião de Salvador produz perto de 60% do PIB estadual...”

de uma dada aglomeração (feita à base de capital fixo, infra-estrutura, componentes terciários etc.), ao tempo em que, por isso mesmo, articula (...) espaços e realidades socioeconômicas dentro do estado da Bahia, fora dele e, o que é mais relevante, também as duas regiões mais importantes do Brasil: o Centro-Sul e o Nordeste (Porto e Carvalho, 1995).

Porém, se a industrialização ocupou todo o espaço da nova macrorregião, os equipamentos principais e mais representativos dessa massa de capitais foi instalado, principalmente, no conjunto de 10 municípios (Salvador, Simões Filho, Itaparica, Vera Cruz, Lauro de Freitas, Camaçari, Dias D'Ávila, Candeias, São Francisco do Conde e Madre de Deus) que formam a oficialmente denominada Região Metropolitana de Salvador e que abriga, em seu espaço, os maiores equipamentos e ramos da economia incentivada - hoje claramente, no seu conjunto, sob processo de contração: os ramos metal-mecânico, petróleo e petroquímico, o complexo petroquímico da Bahia (COPEC), o Centro Industrial de Aratu (CIA), o Porto de Aratu, a Usina Siderúrgica da Bahia (USIBA) e a Refinaria Landulfo Alves (RLAM). Em segundo lugar, na cidade de Feira de Santana - a segunda cidade do Estado da Bahia em termos populacionais, com cerca de 500 mil habitantes -, onde está localizado o Distrito Industrial de Subaé.

Com base em valores que visam a medir a participação da renda produzida em cada município do Estado da Bahia, no conjunto da renda gerada no Estado, que devem ser considerados como uma *proxy* do PIB municipal⁵, constatamos que a Macrorregião

de Salvador produz perto de 60% do PIB estadual (o Estado da Bahia contém 417 municípios). Segundo o censo mais recente, do ano de 2001, a população da RMS é de 3.006.141 habitantes, cabendo a Salvador, com 2.440.836, 80% deste total. É esta Região Metropolitana de Salvador que é o objeto de estudo deste trabalho.

OLHARES DISTINTOS E CONVERGENTES

Seguimos os rumos de pesquisas anteriores que abordaram os efeitos da globalização, especialmente na cidade de Salvador, utilizando basicamente os mesmos indicadores, para compreender os movimentos em escala metropolitana. São olhares sob óticas distintas, porém complementares, que permitirão compor uma imagem síntese que representam os seus traços estruturais e convergentes.

Neste sentido, procurou-se compreender:

- a) os movimentos espaciais da população por faixas de rendimentos, níveis de instrução e quantitativo, supondo que tenha uma relação direta com as atividades econômicas e a qualidade de vida na metrópole;
- b) a densidade dos fluxos de ligações telefônicas para entender o grau de relações entre cada subespaço metropolitano e entre eles e outras regiões do mundo, o que mostra uma

maior ou menor capacidade de articulação social e econômica;

- c) o comportamento do setor imobiliário em relação à demanda pelas distintas classes sociais e pelos setores de comércio/serviços, industrial/institucional, etc, para cada subespaço da metrópole, o que demonstra a mobilidade espacial das pessoas e suas relações com elementos da infra-estrutura metropolitana;
- d) o volume arrecadado de Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e de Serviços - ICMS que, tal como o nome indica, sugere a distribuição e qualificação das atividades de consumo das mercadorias e dos serviços na RMS⁶.

CORNUBAÇÃO QUE SE CONSOLIDA E SE AMPLIA

O Brasil possui, hoje, segundo o censo de 2000, 169.544.443 habitantes. A Bahia conta com cerca de 8% deste total, ou seja, 13.066.746 habitantes. Se, quando do impulso inicial da industrialização incentivada, ano 1970, Salvador, com 1.027.142 habitantes, detinha cerca de 83,3% da população da RMS (com 1.165.117 habitantes), hoje, quando essa mesma industrialização incentivada encontra-se em processo de contração, Salvador, com 2.440.836 habitantes, passa a deter em torno de 80% da popula-

⁵ www.sei.ba.gov.br

⁶ Os indicadores utilizados merecem algumas observações: como são de fontes diferenciadas, é comum que eles sejam apresentados com zoneamentos distintos, o que exigiu um esforço de análise qualitativa para efeito de comparação dos seus resultados (aproximados) espaciais; no que se refere aos dados que não são de fontes oficiais, por exemplo, o volume de construções na cidade, a metodologia merece algumas críticas quanto a sua consistência, por exemplo o fato de que o volume de construções de alta renda foi obtido por informações dos filiados da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário da Bahia - ADEMI, em que pese eles serem quase absolutos nesta faixa de renda; os dados de ICMS devem ser relativizados em função de que alguns produtos são isentos (produtos perecíveis, por exemplo.), o que pode deformar a crescimento relativo da RMS no Estado da Bahia e, por outro lado, as cobranças desta taxa são realizadas às vezes na área da produção (bebidas, por ex.) e às vezes no local de consumo, o que pode mascarar ou transferir valores de uma área para outra; por fim, alguns indicadores mereceriam uma série histórica para melhor compreensão dos movimentos. Apesar de todos esses problemas, os indicadores mostram capacidade para expressar os traços estruturais do movimento econômico e social da RMS, desde que tratados convenientemente, como foi o caso.

ção da RMS, esta, agora, com 3.006.141 habitantes. Se, nesses 30 anos, a população da RMS praticamente triplicou, Salvador mais do que duplicou a sua, daí seguindo que o crescimento relativo da população de Salvador foi menor do que o da RMS. Isso se deveu, de um lado, a municípios conurbados com Salvador, como Simões Filho e Lauro de Freitas - meras extensões urbanas de Salvador - que experimentaram crescimentos espetaculares (Lauro de Freitas passou de meros 10 mil em 1970 para 113 mil em 2000, enquanto Simões Filho passou de 22 mil em 70 para mais de 90 mil em 2000) e, de outro, ao grande crescimento de municípios, como Camaçari, que abriga o Pólo Petroquímico, passando de 34 mil em 70 para 161 mil em 2000, e Candeias, município que abriga instalações da Petrobras, que pulou de 34 mil em 70 para 76 mil em 2000. Os demais municípios da RMS experimentaram pequenos incrementos populacionais durante o período.⁷

O censo de 2000 trouxe outras revelações. Das cinco grandes regiões brasileiras, segundo o conceito do IBGE (Norte, Centro-Oeste, Sudeste, Sul e Nordeste), o Nordeste, com uma taxa anual média de 1,3%, foi a que menor crescimento populacional experimentou entre 1991 e 2000. Já dentro do próprio Nordeste, os estados que menos cresceram em população foram os estados da Bahia e da Paraíba, ambos com uma taxa anual média de apenas 4% entre 1996 e 2000. Ademais, o Estado da Bahia foi um dos que encolheram mais a sua população no país, vez que, aí, cerca de 153 municípios (37% dos 417 existentes) tiveram suas respectivas populações diminuídas em termos absolutos (só sendo superado, sob este aspecto, pelos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná).

Uma das razões centrais de tal diminuição - ora em termos absolutos, ora em termos relativos - reside exatamente no freio da industrialização incentivada pela SUDENE a partir dos anos 90. Com efeito, esta industrialização, com suas reformas, não só não logrou se realizar e se

internalizar pelo *hinterland* do Nordeste e da Bahia, como, ali onde se fixou, entrou em visível processo ora de sucateamento, ora de retração ou recessão (CIA, Subaé, exploração de petróleo, ramo metal-mecânico, cacau, algodão, café, feijão, etc.), ora mergulhou num profundo processo de reestruturação produtiva que a fez reduzir não só o valor dos salários individuais - e da correspondente massa de salários -, como o contingente de trabalhadores.

O Pólo Petroquímico, por exemplo, que empregara, em décadas anteriores, mais de 25 mil trabalhadores, hoje não emprega 10 mil. O contingente de trabalhadores da Petrobras também sofreu redução brusca com a paralisação de grandes áreas de exploração no Recôncavo baiano. No ramo metal-mecânico, a redução foi drástica: o número de unidades em operação caiu de mais de 40 para menos de 10, segundo dados da própria SUDIC - Superintendência de Desenvolvimento Industrial e Comercial.

Na região do cacau, a massa de desempregados chega a mais de 350 mil. No ramo bancário existiam, no início da década de 80, 1,2 milhão de bancários no país, enquanto, na Bahia esta, massa era representada por cerca de 26 mil trabalhadores. Hoje, a massa de bancários do país desceu para 460 mil, enquanto, na Bahia, ela baixou para menos de 12 mil (dados do Sindicato dos Bancários).

Mas, ao lado do desemprego e da baixa remuneração, tinha início, mesmo nos anos 80, um outro aspecto perverso recém-introduzido pela reestruturação, que já se propagava com rapidez: a precarização das condições de trabalho dos que ainda se encontravam no mercado de trabalho. Com efeito, *“a proporção de empregados com carteira assinada na população ocupada da RMS cai de 56,4% em 1981 para 51,4% em 1989 e a de empregados*

“... Salvador possui mais de 360 favelas, onde estão vivendo cerca de 1,5 milhão de pessoas em condições subumanas...”

sem carteira cresce de 20,7% para 23,8% no mesmo período” (Borges, 1993).

É fato por demais conhecido que tal situação se agravou sem parar durante toda a última década - e não é por outra razão que toda a RMS, em todas as cidades que nela se situam, o número e a massa de camelôs e do chamado “comércio informal” assumiu dimensões alarmantes, como se pode ver claramente em cidades como Camaçari, Feira de Santana e a própria Salvador. De tudo isso, resulta o seguinte quadro só no caso de Salvador: *“Dados da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder) indicam que Salvador possui mais de 360 favelas, onde estão vivendo cerca de 1,5 milhão de pessoas em condições subumanas”⁸* - cerca de 62% da população da cidade.

Se compreendermos que a seqüência da implantação de indústrias novas no Estado, na última década, dá-se a um ritmo menor do que antes, é acompanhada de processos produtivos que absorvem e põem em movimento muito menos força de trabalho, pagam salários menores (inclusive pela elevação do grau de terceirização) e não reúnem a aglomeração anterior de economias de escala, além de se situarem num quadro agudo de concentração da renda, não tardaremos a entender o porquê da retração

⁷ Se levarmos em conta que, em 1970, Dias D'Ávila era apenas um distrito de Camaçari, e que hoje é município emancipado, a população que seria hoje de Camaçari, para termos de comparação, teria pulado de 34 mil em 1970 para 206 mil.

⁸ **A Tarde**, edição de 14 de outubro de 1999.

“... a RMS ostenta a condição de região metropolitana com maior taxa de desemprego do país...”

populacional do Estado da Bahia, tanto em termos absolutos (em muitos casos) como em termos relativos.⁹ Compreenderemos também porque a RMS ostenta a condição de região metropolitana com maior taxa de desemprego do país (9,72% segundo o IBGE em 1999) e estaremos aptos a compreender a dinâmica interna dos movimentos populacionais da RMS.

Em 1991, existia, na maior parte da Região Metropolitana de Salvador, uma enorme área - certamente maior do que a metade de toda a RMS - representada por zonas de informação¹⁰ com uma população situada entre 5 a 5.114 pessoas. Nessa extensa faixa, que representava praticamente um grande vazio demográfico, as exceções ficavam com pequenas parcelas territoriais nas proximidades de Candeias, onde se encontra a Refinaria Landulfo Alves, com populações entre 5.114 e 16.471 por zona de informação, na faixa que representa Dias D'Ávila, com a mesma dimensão populacional por zona de informação, no Município de Itaparica, com população de 5.114 a 16.471 pessoas por zona de informação e, finalmente, nas áreas de Camaçari, onde se localizam o Pólo Petroquímico e a faixa litorânea, com populações de 32.571 a 52.971 pessoas por zona de informação para as proximidades do Pólo e da área urbana e com população de 5.114 a 16.471 para as faixas do litoral. Todas as áreas restantes de toda a RMS, que representavam uma concentração maior de habitantes por zona de informação, situavam-se, no início da década de 90, de Simões Fi-

lho e Lauro de Freitas para baixo até se integrarem no tecido urbano de Salvador, ali onde as faixas mais populosas se encontravam, inclusive com 5 faixas de 52.971 a 99.964 pessoas por zona de informação (Mapa 1).

A primeira constatação a ser feita é que, já no ano de 1991, as faixas populacionais de maior densidade (por zona de informação) encontravam-se em Salvador e nos municípios imediatamente conurbados com a capital, a saber, Lauro de Freitas e Simões Filho - este último bem próximo ao Centro Industrial de Aratu e ao Porto de Aratu. Nessa época, inclusive, em que a produção fordista ainda se fazia representar em algumas importantes economias da Macrorregião de Salvador, grande parcela de trabalhadores especializados do CIA, do Pólo e da Petrobras, até então ainda relativamente numerosos, moravam entre Salvador e Feira de Santana e eram levados e trazidos de volta aos locais de trabalho por meio de ônibus, diariamente.

Em apenas 5 anos, ou seja, até o ano da contagem populacional, 1996, o quadro populacional geral da RMS mudou substancialmente, por conta, antes e acima de tudo, do já citado movimento migratório do interior para as cidades, sobretudo Salvador, Feira de Santana, Camaçari e Lauro de Freitas. Este movimento, como demonstra o censo mais recente, do ano 2000, só fez se acentuar, com a agravante de que, a este processo de inchaço de tais cidades, literalmente ocupadas por “invasões” e o chamado “comércio informal”, correspondeu uma das duas menores taxas de crescimento da população no Brasil: Bahia e Paraíba, com apenas 4% ao ano. Parte do esvaziamento do interior veio refletir-se no crescimento dessas citadas cidades (Mapa 2).

A situação do ano de 1996 demonstra, pelo que foi dito, uma elevação da densidade populacional por zona de informação em toda a RMS. Com efeito, toda a área de relativo vazio demográfico antes representada por zonas de informação com concentrações populacionais de 5 a 5.114 pessoas por ZI, não só diminuiu de extensão como foi substituída por faixas mais densas.

Observa-se que a maior concentração populacional de toda a RMS se deu:

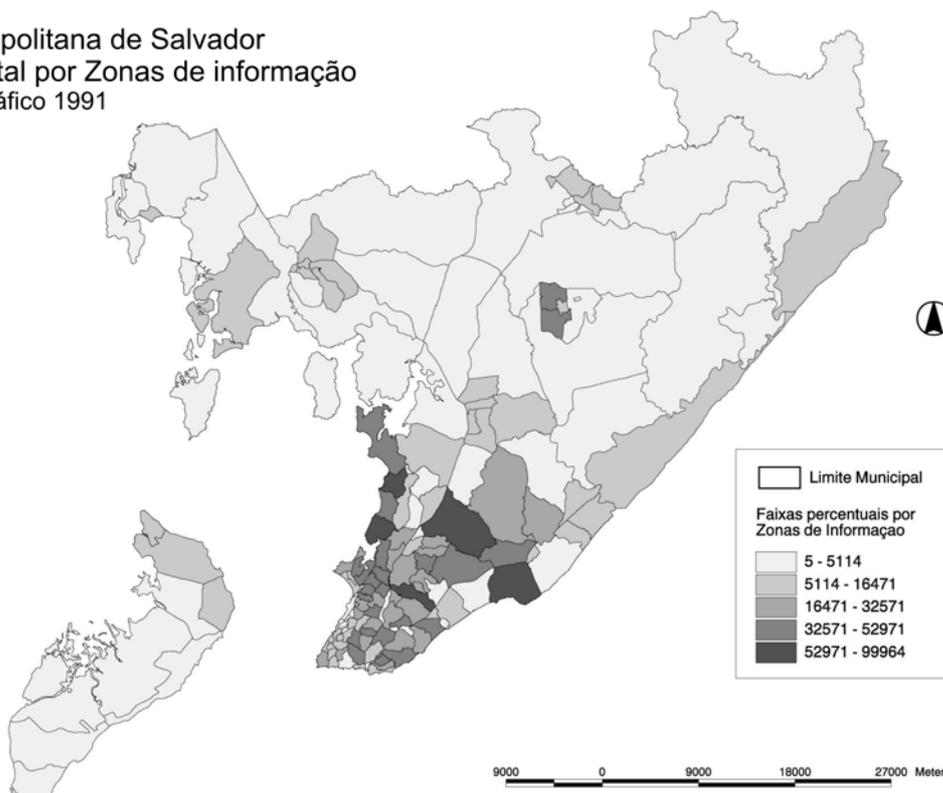
- a) em menor escala, nas imediações de Candeias, orla da ilha, Dias D'Ávila, Camaçari, orla oceânica da própria Camaçari e alguns bairros internos de Salvador;
- b) em escala de média a alta na orla de Lauro de Freitas e em alguns bairros internos de Salvador (faixa da BR-324 que liga Salvador a Feira de Santana), subúrbio ferroviário (uma faixa na qual predomina o desemprego e o subemprego), áreas adjacentes ao miolo;
- c) em escala máxima em certos trechos do mesmo subúrbio ferroviário (Periperi, Paripe) e da rodovia BR-324, bairro de Brotas, todo o miolo (zona proletária central e principal da cidade) e trecho de Itapuã a São Cristóvão bairros que, nos últimos anos, experimentaram verdadeiros saltos populacionais, de comércio e, também, de desempregados e subempregados.

A “lei da descentralização”, combinada com a concentração populacional da RMS - principalmente Salvador -, que é claramente observada e vivida empiricamente por quem vive

⁹ **A Tarde**, edição de 25 de junho de 2000: as demissões efetuadas, só no comércio de Salvador, de janeiro de 1999 a março de 2000, alcançaram a cifra de 70.462 trabalhadores e no mesmo período, o número total de demissões realizadas em todos os ramos da atividade econômica de Salvador foi 291.439 pessoas.

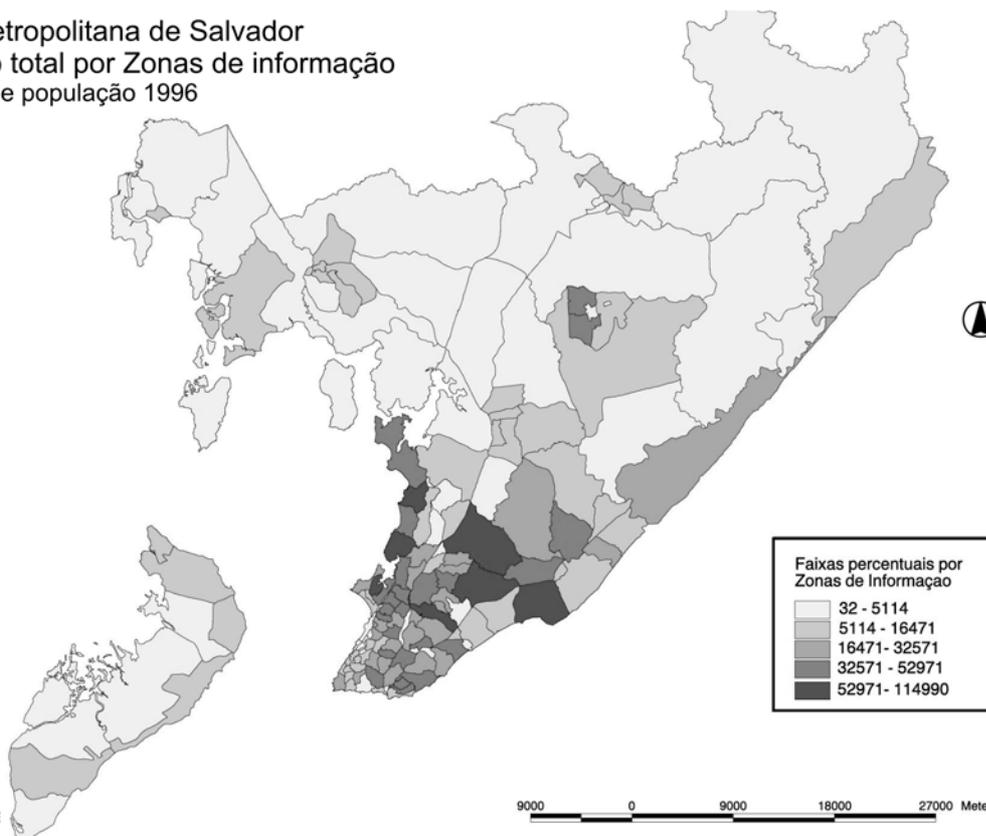
¹⁰ Zona de Informação é uma divisão territorial utilizada pelo órgão de planejamento da RMS (CONDER) e pela Prefeitura Municipal de Salvador, com o intuito de agregar as informações regionais, utilizando como critério o agrupamento de bairros com certa homogeneidade socioeconômica.

Mapa 1
 Região Metropolitana de Salvador
 População total por Zonas de informação
 Censo Demográfico 1991



Fonte: CONDER/IBGE

Mapa 2
 Região Metropolitana de Salvador
 População total por Zonas de informação
 Contagem de população 1996



Fonte: CONDER/IBGE

em Salvador e a observa com olho crítico, é aqui confirmada pelos dados. A RMS se torna mais densa, dentro dela Camaçari, Lauro de Freitas, a orla oceânica e a periferia mais ainda e, de resto, algumas áreas internas de Salvador atingem o ponto máximo desse adensamento populacional. A cidade olha - com "pobres olhares" - para a baía de Todos os Santos e, com "os olhos dos ricos", cada vez mais minoritários, isolados e concentrados, para a direção da Avenida Paralela, para Itapua e para a orla oceânica.

SEGREGAÇÃO ESPACIAL DA RENDA

Aqui, a configuração do adensamento se converte, tornando-se de certa forma a antítese do adensamento populacional visto no tópico anterior. Elevam-se muito as áreas da RMS e da própria Salvador, nas quais parcelas crescentes de chefes de família ganham apenas até 1 salário mínimo.

A faixa de toda a RMS onde a renda é mais concentrada, vale dizer, na qual de 64% a 79% dos chefes de família ganham até 1 salário mínimo (cerca de US\$ 75), atinge quase toda a ilha de Itaparica, a maior parte do miolo e grande parte do município de São Francisco do Conde - onde, paradoxalmente, se situa a Refinaria Landulfo Alves -, praticamente todo o Município de Dias D'Ávila e a maior parte do Município de Camaçari, onde se localiza o Pólo Petroquímico - o que demonstra que os efeitos econômicos dessas concentrações industriais não chegam até a população local, senão residualmente (daí a forte concentração do "mercado informal" nelas).

Outras faixas de elevada concentração da renda - nas quais de 31% a 45% e de 46% a 63% recebem até 1 salário mínimo - se espalham praticamente por toda a RMS e por Salvador - o que certamente explica a existência de cerca de 1,5 milhão de pessoas distribuídas por cerca de 360 favelas só na capital (Mapa 3).

A renda do chefe de família entre 5 e 10 salários mínimos mensais (entre 372 e 754 dólares), muda e completa, antiteticamente, a situação an-

“A renda dos chefes de família situada acima de 20 salários mínimos revela o estado de paroxismo da concentração da renda na RMS e em Salvador...”

terior. Na, de longe, maior extensão sócioterritorial da RMS, incluindo Salvador, apenas de 0% a 4% dos chefes de família recebem entre 5 e 10 salários mínimos mensais. No contraponto, em apenas algumas localidades isoladas da cidade de Salvador (deve ser notado que os trabalhadores especializados do Pólo, da RLAN, do CIA, da USIBA, etc., que se localizam fora da capital, residem nela) - que se localizam em alguns pontos diminutos do centro da cidade e em alguns outros localizados em bairros de classe média (Barra, Pituba, Itapua) (Mapa 4).

A renda dos chefes de família situada acima de 20 salários mínimos (acima de US\$ 754), revela, por fim, o estado de paroxismo da concentração da renda na RMS e em Salvador. Apenas na Pituba e na Barra, de toda a RMS, melhor dito, de Salvador, de 25% a 38% dos chefes de família logram ganhar acima de 20 salários mínimos, ou seja, acima dos R\$ 1.500,00 ou dos aproximadamente equivalentes US\$ 754,00. Em contrapartida, seguramente em mais de 90% de toda a RMS, só entre 0% a 2% dos chefes de família conseguem auferir acima deste valor mensal. Numa outra faixa, que coincide com a Avenida Paralela, a orla de Salvador, a de Lauro de Freitas e um certo prolongamento, consegue-se encontrar chefes de família que ganham acima deste valor, com respectivamente os percentuais de 3% a 8%,

9% a 15% e 16% a 24% para pequenas e localizadas áreas da capital (Mapa 5).

ESCOLARIDADE INVERTIDA

Quando se analisa o percentual dos chefes de domicílio com mais de 15 anos de estudo, por zonas de informação, nos anos de 1991 e 1996, a escolaridade fica totalmente desmistificada. De fato, nota-se que mais de 90% de toda a RMS é composta de zonas de informação nas quais apenas de 0% a 0,3% possuem mais de 15 anos de estudo - os níveis de educação fundamental e superior (Mapas 6 e 7).

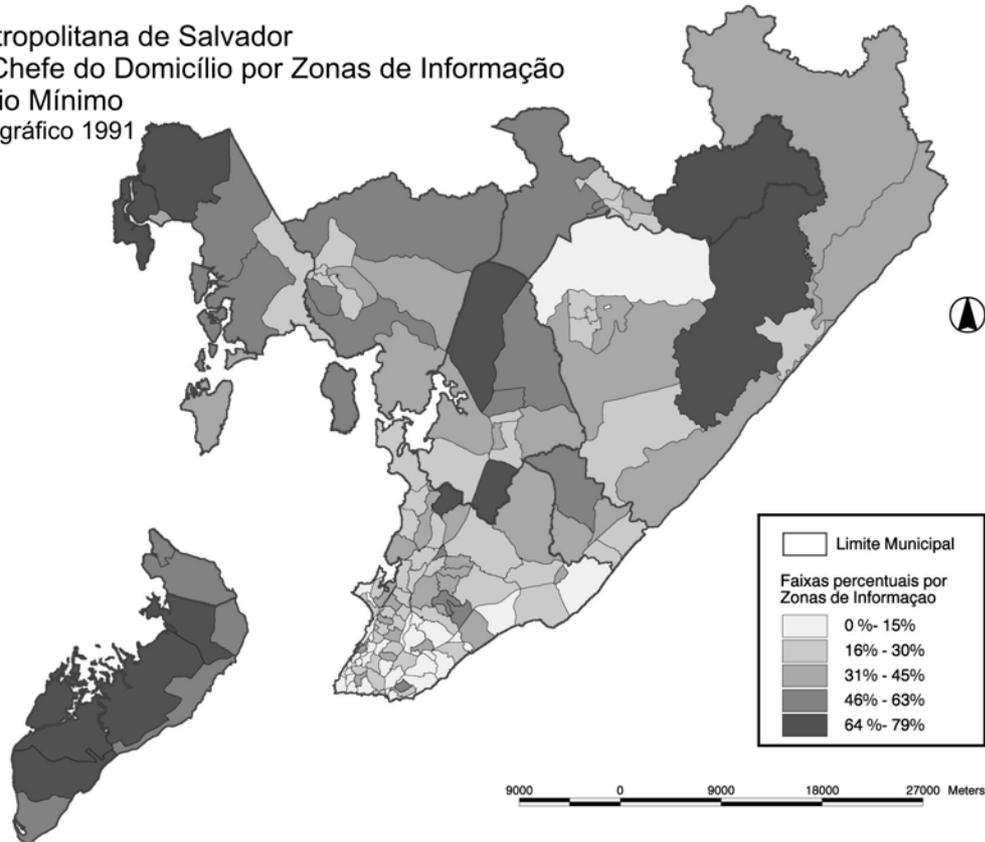
Mesmo nas áreas mais "nobres" da capital, numa faixa estreita que vai do centro à orla de Lauro de Freitas, as zonas mais escolarizadas são zonas cujos chefes de domicílio com mais de 15 anos de estudo não passam de 5%. Trata-se, de fato, de uma situação grave, a de uma cidade na qual, em alguns pontos, encontram-se apenas de 3% a 5% da população com escolaridade de 15 ou mais anos de duração. Este dado revela que o que se chama de "instrução", citado no tópico anterior e segundo os critérios oficiais, não passa de uma elevada situação de escolaridade precaríssima.

A situação básica praticamente permaneceu inalterada até o ano de 1996. Este quadro de nível de educação e escolaridade está bem de acordo com a situação generalizada de desemprego, de subemprego e de favelização da cidade, que cobre muito mais da sua metade - e, no que se refere à RMS, a sua maior parcela.

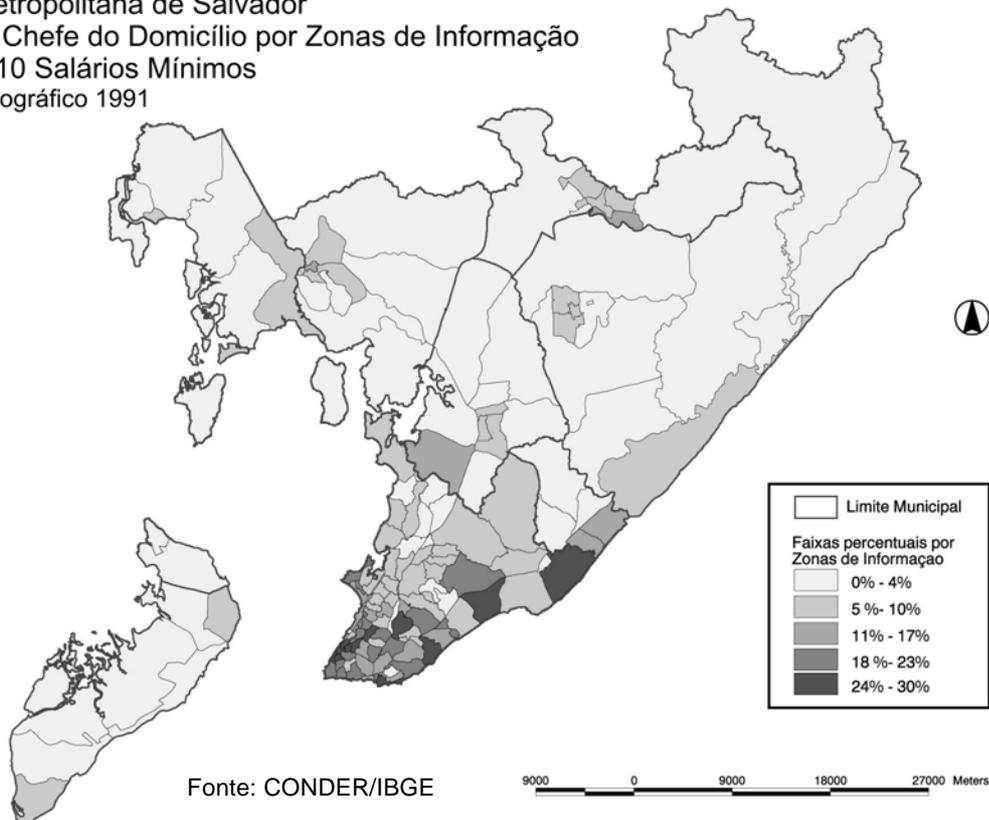
COMUNICAÇÃO E SEGREGAÇÃO

Há uma elevadíssima densidade de fluxos de comunicação por telefone (em parte pela Internet) na zona orla de Salvador, por ser a faixa urbana que reúne o maior comércio de ponta da cidade, como de moradias de classe média (inclusive alta), escritórios e consultórios de advocacia, medicina, odontologia, engenharia e consultoria, hospitais, os maiores *shopping-centers* do Estado (Barra, Itagira, Iguatemi e Aeroclube), bares, restaurantes, clubes, a maior parte das instalações das maiores univer-

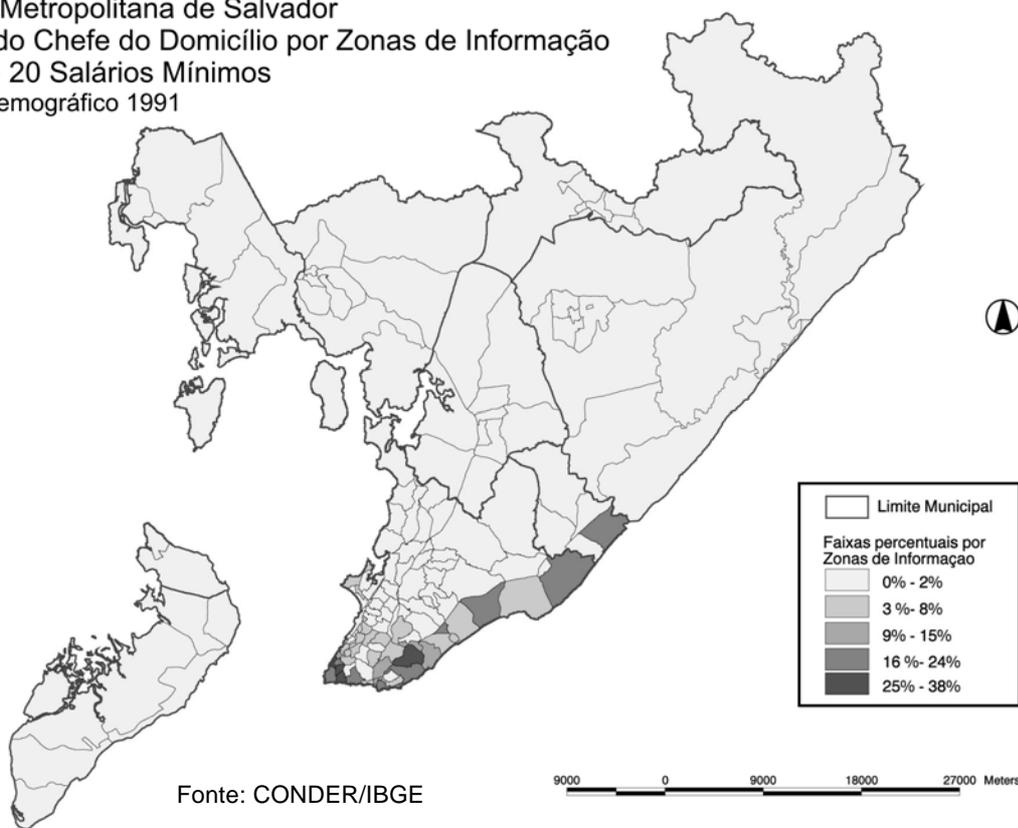
Mapa 3
 Região Metropolitana de Salvador
 Renda do Chefe do Domicílio por Zonas de Informação
 Até 1 Salário Mínimo
 Censo Demográfico 1991



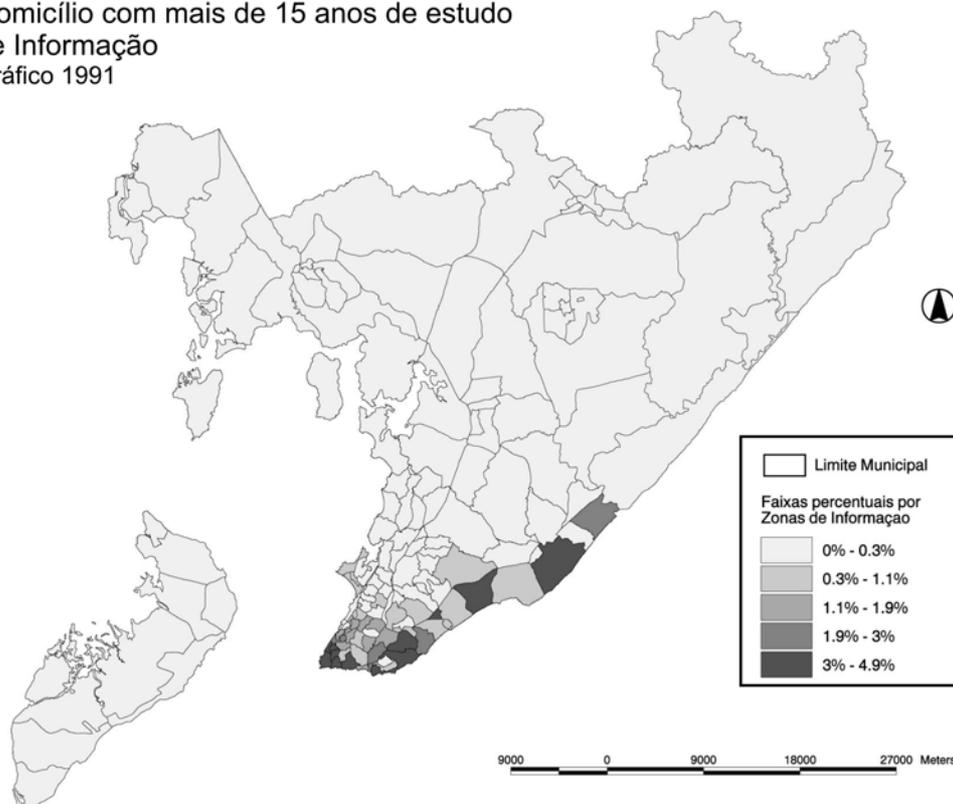
Mapa 4
 Região Metropolitana de Salvador
 Renda do Chefe do Domicílio por Zonas de Informação
 Entre 5 e 10 Salários Mínimos
 Censo Demográfico 1991



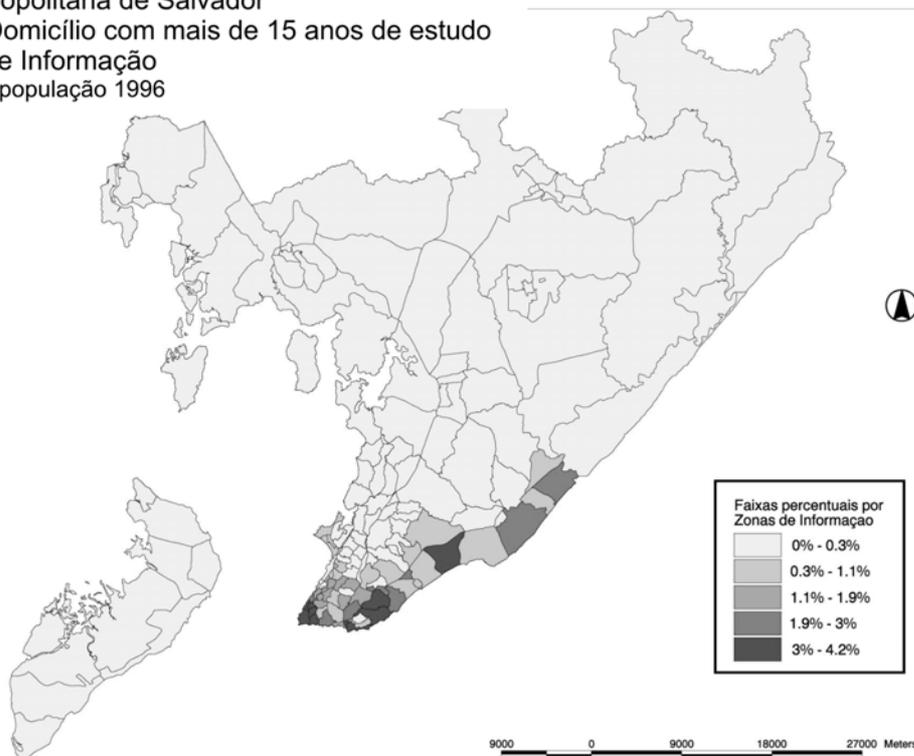
Mapa 5
Região Metropolitana de Salvador
Renda do Chefe do Domicílio por Zonas de Informação
Mais de 20 Salários Mínimos
Censo Demográfico 1991



Mapa 6
Região Metropolitana de Salvador
Chefes de Domicílio com mais de 15 anos de estudo
por Zonas de Informação
Censo Demográfico 1991



Mapa 7
Região Metropolitana de Salvador
Chefes de Domicílio com mais de 15 anos de estudo
por Zonas de Informação
Contagem de população 1996



Fonte: CONDER/IBGE

sidades do Estado, também a maior parte das instalações do serviço público (estadual e federal) localizados na capital, o maior número de hotéis de maior porte da capital e assim por diante. É esta massa de instalações produtoras de serviços a responsável pelos elevadíssimos índices de 59,3%, 27,10%, 55,33% e 42,29% para os quatro tipos de chamadas - ora realizadas por telefone fixo, ora por telefone celular, ora por via da *Internet*.

Ou seja, cerca de 45% - quase a metade - da chamadas telefônicas de toda a Região Metropolitana de Salvador situa-se numa densa, mas estreita, faixa urbana que vai do bairro de Barra a Itapuã, passando por áreas de intensa concentração comercial e habitacional como Barra, Pituba, Itaigara e Iguatemi, Avenida Paralela e Itapuã - cuja pequenez territorial pode ser vista na figura que localiza os chefes de domicílio, por zonas de informação, que auferem mais de 20 salários mínimos por mês.

É, certamente, nesta área, que se localiza a maior concentração pessoal da riqueza em toda a RMS, que se

concentra também o maior número de computadores e aparelhos de telefonia, o que nos remete, para atribuir razão, à seguinte constatação feita por Jorge Beinstein em suas investigações:

“Revendo a edição de 1998 dos Indicadores de Desenvolvimento Mundial (Banco Mundial, 1998), podemos observar que em 1996 os chamados países de alta renda, com somente 165 da população mundial, dispunham de 63% das linhas telefônicas do planeta, enquanto os países de baixa renda, com 56% da população mundial, contavam apenas com 11% dessas linhas”. “Se observarmos a distribuição de computadores, constatamos que a desigualdade é ainda mais elevada. Os países de alta renda possuíam, em 1996, 83% dos computadores, contra somente 3% nos países de baixa renda” (Beinstein, 2001).

Como se vê, a esfera de desigualdade detectada por Beinstein, no que se refere à distribuição social de linhas telefônicas e computadores no plano mundial, se projeta, não importa o índice exato, no interior da RMS - onde uma nesga de faixa territorial, certamente muito menor de que 10%

de todo o território da RMS, concentra quase a metade de todas as chamadas e, por conseqüência, também as linhas telefônicas e, mais ainda, os computadores e o uso da *Internet*.

Afora essa faixa, as áreas de crescimento conurbado da metrópole apresentam comportamentos diferenciados em função do porte das atividades econômicas e da qualidade de renda dos seus habitantes, o que merece destaque.

O maior vetor de crescimento das camadas de população mais pobres, IAPI/subúrbio, na direção de Simões Filho, apresenta relativamente percentuais elevados, em virtude, muito mais, da imensa extensão do conjunto de bairros que compõem a referida faixa do que da densidade de aparelhos de telefonia na área. O mesmo pode ser dito da faixa urbana denominada Cabula/Pernambués. Nos dois casos, ademais, existem universidades, hospitais, clínicas e outros serviços que utilizam a telefonia com certa intensidade, inclusive a *Internet*.

Entretanto, na direção do vetor de expansão metropolitana, caracteriza-

do pelas orlas de Lauro de Freitas e de Camaçari, o quadro se modifica. O Município de Lauro de Freitas, apesar de possuir uma população muito menor do que, por exemplo, o miolo - conjunto de bairros entre os mais populares e densamente povoados da capital - praticamente se equipara a este último no número geral de chamadas. Isso decorre do fato de Lauro de Freitas situar-se na orla marítima e possuir uma considerável faixa de moradia e veraneio de classe média alta, Vilas do Atlântico - o que explica a relativamente elevada percentagem de chamadas em todos os quatro segmentos. Neste caso, o uso da internet deve ter um peso considerável.

A orla de Camaçari se assemelha, quanto à composição social de seus freqüentadores, à de Lauro de Freitas, com a diferença de que em Lauro de Freitas a densidade populacional e a população são maiores. Nos dois casos, são freqüentes as nucleações habitacionais fechadas, de classe média, ainda que em proporção menor do que em Salvador.

Já no caso da zona urbana de Camaçari e do Pólo - próximo à zona urbana -, a baixa percentagem de chamadas locais se explica por conta do baixíssimo nível de renda da população local, que não deve dispor de um grande número de telefones e computadores, enquanto a elevada percentagem de chamadas internacionais para um espaço territorial tão pequeno deve ser tributada às operações - por via telefônica e Internet - efetuadas no Pólo Petroquímico e em algumas sedes de empresas comerciais e prestadoras de serviços localizadas na área urbana de Camaçari. O elevado percentual de chamadas intra-Estado traduz a necessidade de transações comerciais e sociais mantidas entre o Pólo Petroquímico e Salvador.

DUALIDADE DO MERCADO IMOBILIÁRIO

Se analisarmos o volume das construções autorizadas pelo Poder Público municipal de Salvador, entre dezembro de 1999 e janeiro de 2001, constatamos que a zona da orla, que

concentra as faixas de renda mais elevadas e contém a maior densidade de fluxos de comunicação, também é a que é responsável pelo maior volume de construções residenciais, comerciais e institucionais da cidade¹¹. Há uma concentração maior na região da Pituba, tanto para as construções residenciais (41,7%) da cidade, quanto para as comerciais e de serviços (43,5%), seguida de todo o trecho da orla que vai da Pituba até os limites com o Município de Lauro de Freitas, de Brotas, Paralela e Amaralina. Enquanto isso, os bairros da Barra/Grça/Vitória, desta mesma zona que denominamos orla de Salvador, apresentam baixa incidência de percentual de novas construções, em que pese serem ainda mais significativas as construções para uso residencial do que os bairros da orla da baía de Todos os Santos, onde está incluída a antiga área central e comercial de Salvador.

Nessa antiga área central, na sua parte comercial, as construções para comércio e serviços (6,3% no centro e 6,1% em Nazaré) são pouco superiores ao bairro hegemonicamente residencial de Brotas (4,1%), e inferiores aos bairros da orla de Salvador, localizados entre Amaralina (11,3%) e Itapuã (8,6%), incluindo a Paralela (Mapa 8).

O mais importante a analisar é o fato de que o movimento de descentralização das atividades comerciais na direção da orla se mantém, assim como o processo de expansão metropolitana (comércio, serviços e habitações) na direção da conurbação com o Município de Lauro de Freitas, notadamente pela faixa litorânea. Há, porém, alguns sinais de que, do ponto de vista das pressões por novas

“ ... há uma tendência de diminuição relativa das construções por novas unidades habitacionais, de comércio e de serviços ... ”

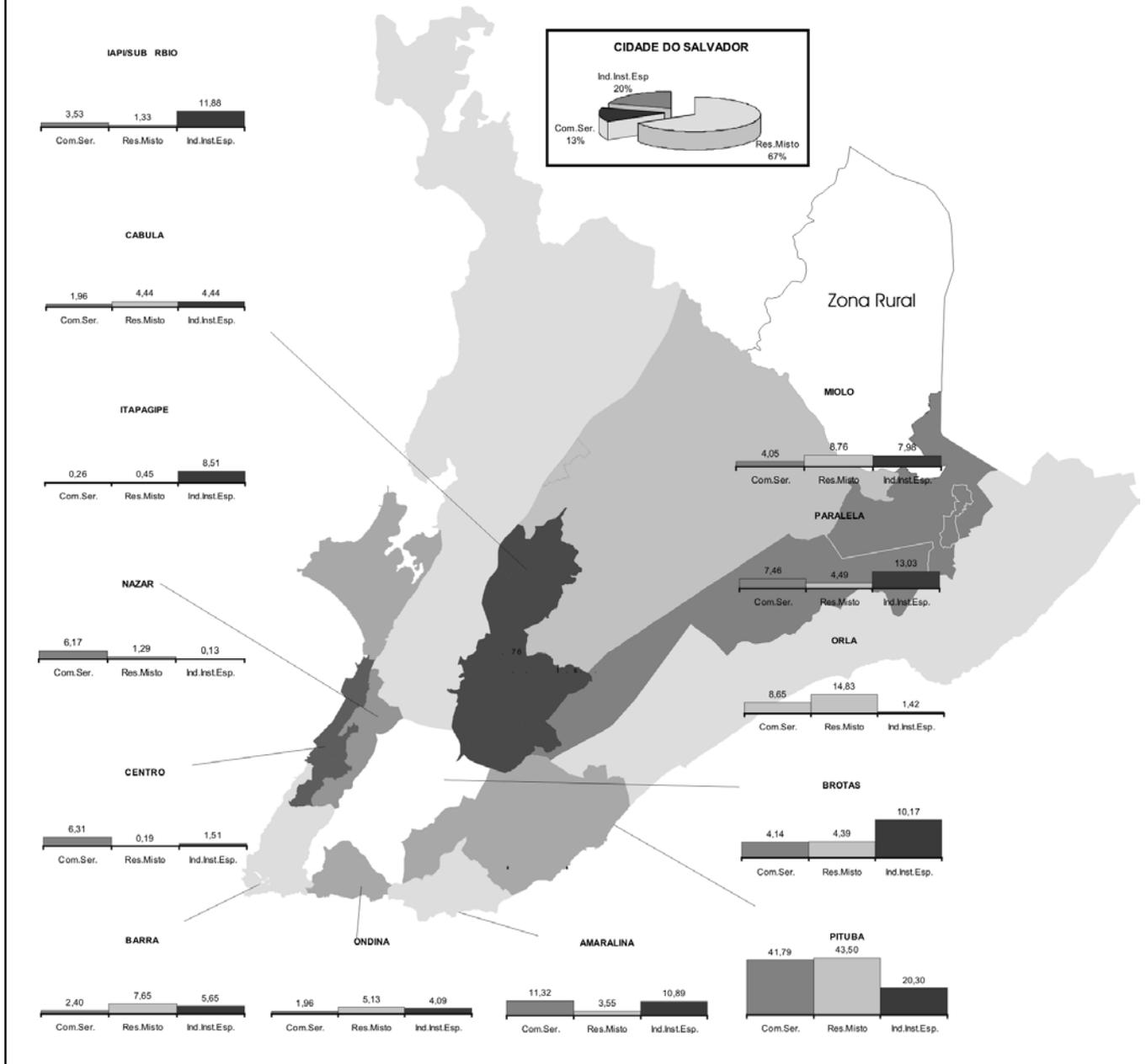
construções, o movimento está tendendo a especializar-se e a assumir uma dualidade de comportamento entre atividades comerciais e habitacionais por faixa diferentes de rendimento.

Se compararmos¹² os dados mais recentes de construções dos últimos dois anos (aproximadamente) e o período entre 1995 e 1998, podemos constatar que há uma tendência de diminuição relativa das construções por novas unidades habitacionais e de comércio/serviços em todas as áreas voltadas para a baía de Todos os Santos, incluindo aí a antiga área central comercial e histórica. Em contrapartida, há uma tendência de elevação dos índices das áreas da orla de Salvador, com dois sinais importantes de correção de rumos: diminuem as taxas relativas para os bairros entre a Pituba e Itapuã e da região de Brotas, enquanto se elevam as taxas de concentração na região da Pituba, tanto para habitações quanto para comércio/serviços. Isso é significativo, porque parece indicar que a tendência de expansão de habitações

¹¹ É bom ressaltar que os dados considerados se referem a um percentual pequeno de construção na cidade que é controlada pelo Poder Público Municipal. Entretanto, trata-se da parcela mais importante em termos de porte, qualidade e capacidade em reestruturar a RMS. Desta forma, as construções populares não foram consideradas, mas sabe-se que elas estão distribuídas nos bairros de menor renda, conforme mapas de renda dos chefes de domicílio.

¹² É uma comparação qualitativa por conta de que os dados, nos dois períodos, foram agrupados por zonas diferentes. Entre 1995 e 1998 utilizou-se as Zonas de Informações, enquanto que entre dezembro de 1999 e janeiro de 2001 utilizou-se as zonas de uso da Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo de Salvador - LOUOS. Fez-se um esforço de agrupamento das zonas de usos da LOUOS para facilitar as comparações, cujos resultados são expressos apenas como tendências gerais por macroáreas da cidade.

Mapa 8
 Salvador – Bahia
 Área Construída por Setor de Atividade
 Dezembro de 1998 a janeiro de 2001



para as faixas de renda média, utilizando-se de pequenos condomínios fechados e *villages* na direção de Itapuã e o município conurbado de Lauro de Freitas, que alcançou uma estabilidade e diminuiu o seu crescimento.

Por outro lado, as faixas de renda média e média-alta parecem voltar a concentrar-se na região da Pituba e

em Amaralina, mantendo, como sempre, as áreas da Barra/Ondina estáveis no seu baixo crescimento de novas construções, até mesmo pela sua já alta densidade de ocupação. Esse mesmo comentário pode ser aplicado aos setores comerciais e de serviço: as regiões da Pituba e da Amaralina elevam a sua participação, mas a região da orla na direção de Itapuã, inclu-

do a Paralela, também aparece com uma elevação, nas suas taxas de crescimento relativo, de construções voltadas para o setor comercial e de serviços, notadamente os de maior porte ao longo da Avenida Paralela.

Um fato importante merece destaque. É certo que as construções, para as faixas de renda mais elevadas, representam um percentual muito pe-

queno na região, entretanto ela é responsável por um movimento que está articulado com a espacialização de infra-estrutura e unidades de comércio e de serviços sofisticados, além, naturalmente, de estar associada a um “jeito” peculiar de morar que tem capacidade de ressonância para as classes inferiores de renda.

Os movimentos dessas faixas de renda, medido pelo percentual das construções de apartamentos de alto padrão construtivo de acima de quarto quartos e com duas ou mais suítes até os apartamentos de cobertura, demonstram que todas as construções estão localizadas entre os bairros da Vitória, Barra, Ondina, Horto Florestal, Itaigara e Pituba. Portanto, todos na orla de Salvador.

Vale salientar que não foi possível levantar o volume de construção de casas em Salvador e nos municípios de Lauro de Freitas e Camaçari, prováveis locais de residência de famílias de alto rendimento. Sabe-se, por entrevistas qualitativas com profissionais do setor imobiliário, que a tendência desse tipo de construção para essas faixas de renda não parece ser crescente. Ao contrário, há uma tendência à moradia não só em condomínios fechados, mas até verticalizados.

De janeiro a setembro de 1998, a maioria das construções ocorria relativamente no Horto Florestal (condomínio fechado, hegemonicamente constituído por casas e agora em processo de verticalização), seguido pela Pituba e Itaigara, com algumas construções isoladas nas imediações na Barra, Ondina e Vitória, onde os preços se apresentam com valores mais elevados por m² de construção. Entre outubro de 1998 e dezembro de 2000, a Pituba assume a liderança, seguida por Itaigara e Horto Florestal e mais o conjunto de bairros da Vitória, passando pela Barra e Graça até Ondina, cujo conjunto eleva suavemente sua participação no setor, alastrando os investimentos por locais mais diversificados, onde os preços médios por m² são os mais elevados da cidade.

Isso significa dizer que as construções para as faixas de renda mais

elevadas também não se descentralizam na direção dos municípios conurbados, mas sim adensando as áreas mais infra-estruturadas de Salvador, notadamente concentrando-se na Pituba (principalmente), Horto e Itaigara e em áreas específicas de alguns bairros entre a Vitória e Ondina, passando pela Barra/Graça. Enquanto estes últimos bairros se adensam, substituindo as antigas mansões e residências por condomínios de alta renda no formato ainda abertos e tradicionais de Salvador entre 20 e 30 anos atrás, Pituba e Itaigara ainda dispõem de glebas para expansão/adensamento e o Horto inicia o processo de substituição do padrão residencial em condomínio fechado por edificações verticalizadas, constituindo-se em espécies de microcidades cercadas e relacionadas com outras ilhas equivalentes.

Por outro lado e distante, mesmo que constituídos fisicamente como vizinhos metropolitanos, as faixas de rendimentos mais baixas se espriam na direção norte da cidade de Salvador, até encontrar o Município de Simões Filho, as partes internas do Município de Lauro de Freitas e da ilha de Itaparica (municípios de Vera Cruz e de Itaparica), além de compor as tendências de expansão das áreas urbanas das sedes municipais que constituem a RMS e que tendem se conurbar completamente com a metrópole em alguns anos. Essa é a parcela sem infra-estrutura, sem emprego e que constitui as maiores taxas de migrações de outras regiões do Estado da Bahia.

Portanto, a dualidade do mercado imobiliário consiste em, ao mesmo tempo, expandir as faixas de rendimentos médio-baixo e baixo para a periferia da cidade, criar ilhas compostas por condomínios fechados nas periferias mais distantes da metrópole e, ao mesmo tempo, adensar, com verticalização e em substituição às antigas residências de luxo, algumas áreas exclusivas e protegidas da cidade para criar também ilhas capazes de se articular com suas partes residenciais equivalentes e com equipamentos comerciais

modernos (*shoppings*, centros educacionais, hipermercados, etc), utilizando os túneis caracterizados pelas grandes vias de circulação e pelos veículos protetores e protegidos das ações das áreas públicas deterioradas socialmente.

VALOR DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE MERCADORIAS E DE SERVIÇOS

A RMS tem elevado a sua participação na arrecadação do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS na Bahia, crescendo 35,09%, contra 13,45% do conjunto do Estado entre os anos de 1995 e 2000 - em apenas 5 anos! Em 1995, tinha uma participação de 63,2% no Estado, passando a representar 75,34% em 2000.

É evidente que isso pode trazer desvios pelo fato de que há isenções para alguns produtos, na maioria representando uma boa parte da produção de algumas regiões do interior do estado da Bahia. Entretanto, a tendência apresentada qualitativamente é superior ao crescimento da produção de outras regiões baianas, o que permite reconhecer um importante aspecto do movimento de reconcentração metropolitana.

Esse movimento é explicado por dois motivos e em algumas áreas principais:

- a) a mais importante é a presença dos investimentos na duplicação da Refinaria Landulfo Alves – RLAM no Município de São Francisco do Conde, agregando a elevação dos preços de combustíveis no período;
- b) em segundo lugar, o crescimento da participação da arrecadação do setor de serviços de infra-estrutura (transporte, energia, comunicação, água, comércio e serviços sociais) em Salvador;
- c) em terceiro lugar, o crescimento dos setores de transportes, construção\atividades imobiliárias, comércio e setores so-

ciais de educação e saúde do município de Lauro de Freitas (de 0,68% em 1995 para 1,00% em 2000).

Significa dizer que Salvador reconcentra atividades de arrecadação em relação ao estado da Bahia (30,02% em 1995 para 33,37% em 2000), nos setores caracterizados pela sua capacidade de centralização dos serviços, pelo seu porte e pelo seu papel de centro metropolitano estadual, enquanto que Lauro de Freitas, que é o município mais conurbado com Salvador, tem uma forte presença nas atividades de expansão dos serviços, comércio e equipamentos de apoio às atividades residenciais, que para aí se deslocaram, conformando uma nucleação que dá apoio ao crescimento da orla de Camaçari. Todos os outros municípios diminuíram a sua participação na RMS e no Estado da Bahia, inclusive o município de Camaçari, onde está localizado o Pólo Petroquímico, que representa um peso significativo no PIB baiano (Tabela 1).

Arigor, Lauro de Freitas tem maior taxa de crescimento do que Salvador, entretanto, um porte ainda insignificante. Apenas São Francisco do Conde e Lauro de Freitas obtiveram crescimento relativo dentro da RMS (21,02% em 1995 para 35,63% em 2000 e 1,08% em 1995 para 1,32% em 2000). Tal foi o incremento de São Francisco do Conde, que Salvador diminuiu sua participação relativa na arrecadação na RMS.

Em suma, a RMS reconcentra, inclusive Salvador, porém tem como responsáveis apenas um investimento industrial e uma área de expansão metropolitana. Em outras palavras, a RMS reconcentrou-se, ampliando-se, expandindo a sua capacidade de dominação e incorporando novas áreas urbanas ao tecido da metrópole. É o duplo sentido do movimento (descentralização com verticalização de atividades) para expressar apenas um objetivo, o da concentração. É de se esperar que essa região tenda a se potencializar e a expandir-se na direção da orla de Camaçari, com a entrada em operação da Ford, mas cujos

TABELA 1
Arrecadação de ICMS na Região Metropolitana de Salvador – 1995-2000

| LOCAL/ANO | 1995 | | 1996 | | 1997 | | 1998 | | 1999 | | 2000 | |
|---------------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|
| | %RMS | %Ba |
| VERA CRUZ | 0,22 | 0,14 | 0,13 | 0,08 | 0,12 | 0,08 | 0,11 | 0,08 | 0,13 | 0,09 | 0,11 | 0,08 |
| DIAS D'ÁVILA | 2,56 | 1,62 | 1,51 | 0,99 | 2,18 | 1,51 | 1,94 | 1,37 | 2,24 | 1,63 | 1,82 | 1,37 |
| SALVADOR | 47,44 | 30,02 | 51,48 | 33,67 | 51,28 | 35,44 | 49,61 | 34,94 | 46,10 | 33,59 | 44,29 | 33,37 |
| BROTAS | 17,29 | 10,94 | 18,97 | 12,41 | 17,44 | 12,06 | 15,97 | 11,25 | 14,66 | 10,68 | 16,74 | 12,61 |
| CALÇADA | 7,66 | 4,85 | 6,56 | 4,29 | 4,71 | 3,26 | 3,65 | 2,57 | 3,72 | 2,71 | 3,47 | 2,61 |
| IGUATEMI | 16,97 | 10,74 | 21,47 | 14,04 | 17,82 | 12,32 | 18,89 | 13,31 | 18,31 | 13,34 | 16,56 | 12,48 |
| PIRAJÁ | 5,51 | 3,49 | 4,48 | 2,93 | 11,30 | 7,81 | 11,10 | 7,82 | 9,41 | 6,86 | 7,52 | 5,67 |
| S.F. CONDE | 21,02 | 13,30 | 22,07 | 14,43 | 24,73 | 17,09 | 26,00 | 18,31 | 31,62 | 23,04 | 35,63 | 26,85 |
| S. FILHO | 5,36 | 3,39 | 4,61 | 3,02 | 4,25 | 2,94 | 3,90 | 2,75 | 3,42 | 2,50 | 2,93 | 2,21 |
| CAMAÇARI | 19,67 | 12,45 | 16,91 | 11,06 | 14,31 | 9,89 | 15,47 | 10,89 | 13,66 | 9,95 | 12,48 | 9,40 |
| CANDEIAS | 2,55 | 1,61 | 1,85 | 1,21 | 1,55 | 1,07 | 1,44 | 1,01 | 1,39 | 1,01 | 1,40 | 1,05 |
| ITAPARICA | 0,08 | 0,05 | 0,07 | 0,05 | 0,06 | 0,04 | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,01 |
| L. DE FREITAS | 1,08 | 0,68 | 1,33 | 0,87 | 1,50 | 1,04 | 1,48 | 1,04 | 1,41 | 1,02 | 1,32 | 1,00 |
| M. DE DEUS | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| TOTAL RMS | 100,00 | 63,28 | 100,00 | 65,40 | 100,00 | 69,12 | 100,00 | 70,43 | 100,00 | 72,86 | 100,00 | 75,34 |

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia - SEFAZ

“... com a entrada em operação da Ford, é de se esperar que a RMS tenda a se potencializar e a expandir-se na direção da orla de Camaçari...”

resultados ainda não se apresentam à base de informações disponíveis suficientes para se proceder a uma aferição com maior segurança.

ARQUIPÉLAGO DA PROSPERIDADE E DA SEGREGAÇÃO

Como a RMS vivenciou, entre as décadas de 70 e 80, um crescimento baseado na expansão da mesma plataforma de produção de caráter industrial e subsidiada, o crescimento regional ocorria num processo de consolidação da descentralização espacial horizontalizada, em que cada subespaço atendia aos fluxos centralizados nos valores econômicos gerados pelos pólos industriais, pelas atividades turísticas no entorno da metrópole e pelos excedentes agrícolas oriun-

dos das diversas áreas de produção, em decadência, do interior do Estado. À medida que cresciam as demandas, elevava-se o porte da metrópole, num processo típico de complementação em forma de adensamento de uma estrutura que já havia descentralizado suas nucleações de atividades desde o final da década de 70.

A partir da década de 90, com o processo de maior abertura dos mercados mundiais, de uma economia que se mundializou, com reestruturações na produção capitalista, com o enxugamento do papel do Estado fomentador para Estado regulador (relativamente), o espaço metropolitano se re-qualificou. A região cresceu e se tornou mais complexa porque atraiu maior número de fluxos diferenciados e cada vez mais mundializados. Esse novo papel, que contempla relações de competitividade com outras regiões do Brasil e do mundo, exige reformulações nos setores produtivos, tanto no porte e na qualidade da produção como na sua circulação, o que resulta em exigentes deslocamentos espaciais de atividades e de funções.

Ora esses deslocamentos se dirigem para a periferia da metrópole, como é o caso do crescimento das atividades industriais e da expansão de famílias de faixas de rendimento médios e baixos (em que Salvador difere de outras metrópoles de maior porte), ora esses deslocamentos se reconcentram no interior desta mesma metrópole, mais notadamente na orla de

“... é a confluência de fluxos de outras regiões que conduzem a que a RMS expanda e consolide seu papel de metrópole regional...”

Salvador, como sugerem os indicadores apresentados. No primeiro caso, o crescimento ocorre na direção dos pólos industriais e dos grandes eixos de acessibilidade da metrópole com outras regiões do país, tal como ocorre em outras grandes metrópoles, por exemplo, o que afirma Méndez (1999) para o caso de Madrid e, no segundo caso, nas proximidades dos grandes eixos viários que constituem a ossatura da acessibilidade interna e das suas articulações externas.

A metrópole baiana não pode ser considerada como “cidade mundial”, tal como São Paulo, Santiago do Chile, Buenos Aires ou a Cidade do México (Hiernaux, 1999; Mattos, 1999; Ciccolella, 1999), para ficar entre as maiores metrópoles da América Latina, mas tem elevado o seu *quantum* de fluxos mundializados, principalmente em função das suas atividades turísticas, do consumo “uniformizado” de alimentos, bebidas, vestuário, de comportamentos de morar e consumir, de centros de serviços, além do Polo Petroquímico e agora com a instalação da Fábrica da Ford. É uma região que está longe, por exemplo, de atrair sedes de empresa internacionalizadas, tal como ocorre na metrópole paulista, mas o pouco que articula já induz a que sejam criados espaços comerciais e de serviços que, atrelados a necessidades de outras atividades econômicas, constituem polaridades que tendem a constituir várias cidades dentro da metrópole, para desfrutar de uma “classe capitalista mundial” ou “clube social mundial” como denomina Hiernaux (1999).

Podemos dizer que o simples alastramento ou a consolidação da estru-

tura espacial montada nos finais da década de 70 é efetivada na década de 80, ou seja, um processo de expansão horizontal, dá lugar a novos processos de utilização dessa estrutura. Incorpora-se uma nova vertente de crescimento, aliada e concomitante à expansão horizontal: a especialização de subespaços, em forma de verticalização qualificada e concentradora de fluxos sociais e econômicos.

A RMS descentraliza suas atividades comerciais, suas áreas habitacionais e seus sistemas de infra-estrutura e, com isso, eleva a sua capacidade de atrair fluxos de outras regiões da Bahia e do Brasil. Ou, em outras palavras: é a confluência de fluxos de outras regiões que conduzem a que a RMS expanda e consolide seu papel de metrópole regional. De ambas as formas de se encarar o desenvolvimento, que não é objeto deste estudo, a Região tem atraído contingentes relativamente maiores de população do que o Estado da Bahia, sendo que, dentro dela, as áreas periféricas e localizadas no caminho dos vetores de expansão da metrópole são as que ganham maior adensamento de pessoas e, logicamente, de atividades sociais e econômicas.

Constata-se que o Município de Salvador, que constitui a área mais densamente ocupada e é epicentro do movimento que elevou mais significativamente suas atividades a partir da década de 70, perde relativamente poder de crescimento quantitativo para os municípios vizinhos. Entretanto, Salvador ganha a responsabilidade de se qualificar para atrair equipamentos de porte internacional, centros de negócios, além de ofertar espaços qualificados para residências de famílias de altos rendimentos, ilha-

“... a RMS tem atraído contingentes relativamente maiores de população do que o Estado da Bahia...”

“... a segregação econômica e social se reflete em falta de emprego, em subemprego, na informalidade e na busca de alternativas de negócios...”

das por uma infinidade de famílias pobres, que representam 62% da sua população em favelas, que se espalham pelo interior da região.

Para essa imensa mancha de pobreza, a segregação econômica e social se reflete em falta de emprego, em subemprego, na informalidade e na busca de alternativas de negócios em seus próprios bairros, tal como ocorre na maioria das metrópoles ibero-americanas, por exemplo, na Cidade do México, como salienta Hiernaux (1999).

Por sua vez, conjuntos de famílias de alto e médio poder aquisitivo se concentram na orla de Salvador, de Lauro de Freitas e de Camaçari (estas duas últimas como maior opção para segunda residência). Nesta diminuta faixa de território ainda ocorre uma polarização clara das tendências expressas por condomínios fechados, agora verticalizados, em pontos isolados e protegidos fisicamente entre a Vitória, Barra, Ondina, Horto Florestal, Itaigara e Pituba, utilizando-se substituição de mansões por edifícios de luxo, em parte como ocorreu há muito tempo nas maiores metrópoles latino-americanas, o como o Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, Santiago do Chile, Cidade do México, etc.

O processo é parecido mas não igual - ou seja, ao lado de leis e inclinações gerais comuns, ocorrem distinções locais. É certo de que nessas cidades, hoje, essas “ilhas” tendem a ocorrer na periferia das metrópoles, por conta de que já não há mais disponibilidade de território adequados para absorvê-las, tal como ainda pode acontecer em Salvador. Mas o processo de formação dessas “ilhas” em todas as metrópoles têm,

hoje, o mesmo caráter de segregação exarcebada. Em Salvador, o processo é igual no gênero e se diferencia no grau, o que explica a periferação e o porte das “ilhas” em, por exemplo, Buenos Aires, conhecidas habitualmente por *countries verticales*, conforme atesta Hiernaux (1999).

Aliadas a esses pólos de excelência em habitabilidade, ocorrem também as concentrações articuladas de grandes centros de consumo e de entretenimento. São equipamentos com “farda mundial” que, não por acaso, ocorrem com maior ênfase nas orlas de Salvador, Lauro de Freitas e Camaçari, mas que vêm atendendo a toda a metrópole e até a outros estados, tais como: *shopping-centers* nas áreas da Pituba, Itaigara e Barra; hipermercados, nesses mesmos locais, estendendo-se para alguns bairros de periferia, notadamente para aqueles de renda média e de maior peso na expansão da metrópole; área para grandes espetáculos na Av. Paralela; áreas culturais e turísticas, como é o caso do Pelourinho; parques de águas na Paralela, etc. Aliados a isso estão os centro empresariais, cujo conjunto, como os anteriores, localizam-se ao longo dos grandes eixos viários estruturantes da metrópole, com excelente acessibilidade por parte das áreas de maior concentração das famílias de maior poder aquisitivo.

Esse é o conjunto de equipamentos que representam a “pós-moderni-

dade” da mundialização dos fluxos e que, apesar de já estarem presentes há algumas décadas, foram agora forçados a integrar-se com maior peso entre si e com as ilhas residenciais com maior poder de consumo e mais articuladas com a trama que completa a rede superior e mundial de produção, de consumo e de comportamentos “aculturados”.

Vê-se, pois, que se trata de um movimento que extrapola limites institucionalizados, que não mais permite agregações de informações sob a égide da política municipal (afora algumas políticas específicas e sem capacidade de reformulações estruturais na região) e que, por isso mesmo, desautoriza estudos e análises que não compreendem o movimento regional, com suas relações com outras regiões, e as partes articuladas e hierarquizadas que espacialmente constituem especializações de atividades humanas de forma mundializada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao feudalismo*. Porto: 1982. (Biblioteca das Ciências do Homem).
- AZZONI, Carlos Roberto. *Quão grande é exagerado? Dinâmica populacional, eficiência econômica e qualidade de vida na cidade de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- BEINSTEIN, Jorge. *Capitalismo senil*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BIHR, Alain. *Da grande noite à alternativa*. São Paulo: Boitempo, 1998.

- BORGES, Ângela. Trabalho e renda nos anos 90: novos horizontes de exclusão. *Análise & Dados*, Salvador, v.3, n 3, 1993.
- CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- CICCOLELLA, Pablo. *Grandes inversiones y reestructuración metropolitana en Buenos Aires: ciudad global o ciudad dual del siglo XXI?* Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1999.
- MATTOS, Carlos. *Nuevas teorías del crecimiento económico: una lectura desde la perspectiva de los territorios de la periferia*. Santiago, PUC-Chile, 1998.
- MANDEL, Ernest. *A crise do capital*. Campinas: Ensaio, 1990.
- MÉNDEZ, Ricardo. *Renovación industrial em espacios metropolitanos: tendencias y contradicciones em Madrid*. Madrid: Departamento de Geografía Humana da Universidade Complutense de Madrid, 1999.
- MONNET, Jérôme. *Globalización y territorializaciones “areolar” y “reticular”*: los casos de Los Angeles y la Ciudad de México. Toulouse: Universidad de Toulouse-Le Mirail, 1999.
- NICOLAS, Daniel H. *Los frutos amargos de la globalización: expansión y reestructuración metropolitana de la ciudad de México*. Cidade de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1999.
- PORTO, Edgard; CARVALHO, Edmilson. *Reflexos da globalização em Salvador*. Salvador: Instituto de Pesquisas Econômicas, Sociais e Ambientais - Inp e Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 1999. Trabalho apresentado ao V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA RII, Toluca, México.
- PORTO, Edgard; CARVALHO, Edmilson. *Macrorregião de Salvador*. Salvador: SEI, 1995. (Série Estudos e Pesquisas, n. 26)
- ROURA, Juan R. C. *Disparidades regionales en el crecimiento. Convergencia, divergencia y factores de competitividad territorial*. Madrid: Universidad de Alcalá, 1997.

UNIFACS/DCSA2

CIÊNCIAS CONTÁBEIS

UM CURSO PARA O PROFISSIONAL DO SÉCULO XXI

Um curso atualizado em relação às tendências do mercado e de uma economia moderna que objetiva desenvolver no estudante uma visão mais ampla do contexto de sua atuação profissional integrando-o à realidade local.

O Curso de Ciências Contábeis da UNIFACS foi estruturado considerando uma interdisciplinaridade com a Auditoria, a Administração e a Informática o que torna possível a colocação no mercado de trabalho de um profissional capaz de corresponder às principais exigências empresariais.

O profissional formado no Curso de Ciências Contábeis da UNIFACS estará capacitado a organizar e executar os serviços de contabilidade em geral, elaborar e analisar relatórios contábeis, controlar custos e calcular tributos, realizar perícias e auditorias além de outras atividades relacionadas, respeitando os princípios fundamentais da Contabilidade.